

## Um arquivo de escritoras chinesas: vozes-mulheres na construção de outro mundo

Jailma dos Santos Pedreira Moreira  
Elizabeth Damasceno dos Santos

**Resumo:** Trata-se de uma reflexão sobre o processo de construção de um arquivo, sempre aberto, de escritoras chinesas. Com isso pretendemos destacar etapas dessa dinâmica, sinalizando dificuldades, perspectivas encenadas, achados e demandas que visualizamos com o percurso. Como resultados possíveis ressaltamos alguns livros e, mais especificamente, o da escritora Xie Xinran, *As boas mulheres da China: Vozes ocultas*, que, em diálogo com o poema da escritora brasileira Conceição Evaristo, *Vozes-mulheres*, nos rendeu uma breve discussão sobre a condição da mulher, sobre o patriarcado, sobre o avanço das lutas das mulheres e sobre a importância de se ouvir-ler-traduzir mais mulheres, escritoras, para construirmos um mundo mais solidário, menos desigual e mais humano. Com uma perspectiva teórica pautada na crítica cultural e feminista, já considerando feminismos diversos, ouvir mais mulheres como essas seria reforçar, de modo ampliado, esse mundo cooperativo e não excludente, que muitos sonhamos e lutamos.

**Palavras-chave:** Literatura/mulheres. China-Brasil. Diálogos/rasuras.

## An archive of chinese women writers: women's voices in the making of another world

**Abstract:** It is a reflection on the process of building an archive, always open, of Chinese women writers. With this we intend to highlight stages of this dynamic, signaling difficulties, staged perspectives, findings and demands that we see along the way. As possible results we highlight some books and, more specifically, that of the writer Xie condition of women, about patriarchy, about the advancement of women's struggles and about the importance of listening-reading-translating more women writers, to build a more supportive, less unequal and more humane world. With a theoretical perspective based on cultural and feminist criticism, already considering different feminisms, listening to more women like these would reinforce, in an expanded way, this cooperative and non-exclusive world, which many of us dream of and fight for.

**Keywords:** Literature/women. China-Brazil. Dialogues/erasure.

## Considerações iniciais

Com esse artigo, buscamos relatar e refletir sobre o processo de construção de um arquivo de escritoras chinesas, contando com o auxílio da estudante bolsista de Iniciação científica, na época da pesquisa, Elizabeth Damasceno dos Santos. Buscamos destacar etapas do processo, como uma breve explanação sobre o projeto de pesquisa e sua articulação com outro projeto maior, entre grupos de pesquisa, que almejava estudar os países do BRICS, sob a perspectiva teórica da crítica cultural, que sustentou também a nossa pesquisa, marcada pelo viés feminista ou dos feminismos diversos.

Aliado a isso, objetivamos relatar sobre a própria dinâmica da pesquisa, o entrave da língua, a internet como a grande ferramenta, apresentando uma mostra de alguns dos livros-textos que foram possíveis encontrar. Desse achados, selecionamos um livro da escritora Xie Xinran (2003), *As boas mulheres da China: Vozes ocultas*, que nos permitiu tecer relações com o poema *Vozes-mulheres*, da escritora negra brasileira Conceição Evaristo (2011), abrindo veredas para tantos outros diálogos com outras vozes-mulheres, escritoras brasileiras e da América latina.

Entretanto, nesse texto focaremos em Xinran e Evaristo e, a partir dos seus textos selecionados, esboçaremos um debate sobre a relevância dessas vozes outras femininas, o que elas revelam, solicitam, reforçando entre nós a importância de criarmos mais canais de escuta, neste caso, possibilitarmos mais traduções, mais pesquisas e diálogos entre mulheres escritoras chinesas e brasileiras, de modo que possamos, com elas, pensarmos mais sobre a literatura e sobre nossas lutas em prol de um mundo mais humano e solidário.

## Um projeto em outro: a pesquisa sobre escritoras no contexto dos BRICS

A proposta de pesquisar escritoras parte do projeto que coordenamos, intitulado *Literatura em movimentos de mulheres*, o qual busca refletir sobre os movimentos de escritoras, considerando seus modos de produção e circulação de seus textos, bem como os impactos da sua produção no que diz respeito às possibilidades de rasura de um mundo patriarcal-capitalista

e racista. Estudar essa produção de mulheres, muitas vezes subalternizada, sempre foi o nosso foco e considerando um projeto maior, que intercalava núcleos de pesquisa da Universidade do Estado da Bahia e da universidade Federal da Bahia, e buscava estudar os países dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), ao qual nos integramos, o objetivo nosso passou a ser justamente o levantamento de nomes e obras de escritoras de alguns desses países, nesse caso específico, da China, buscando tecer diálogos com escritoras brasileiras e promover uma reflexão, da perspectiva adotada pelos dois projetos. Ou seja, o projeto Potências transnacionais emergentes e seus crivos culturais, como já sugere, buscava estudar a produção literária-cultural dos países que formam os BRICS, da perspectiva da crítica cultural e, no nosso caso, afirmávamos a importância das perspectivas feministas que se alinhavam, em sua própria concepção, como nos sugere Heloísa Buarque de Holanda (1994) à crítica cultural.

Assim, esse recorte nos estimulou, visto que também nos interessamos pelos estudos dos BRICS, levando em conta que essa coalisão busca enfrentar poderes hegemônicos globais, lutar de forma associativa contra uma exclusão, apontando para outras guinadas geopolíticas. Isso já representava e representa uma estratégia muito importante de luta contra domínios discursivos, subalternizações. O que nos perguntávamos era como as mulheres, via literatura, nesse conjunto, poderiam contribuir com esse giro geopolítico, como elas estavam, suas proposições, sendo consideradas nesse movimento de luta contra opressões. Enfim, buscávamos saber como as mulheres, suas vozes, suas vidas, pela via da literatura, do ponto de vista da crítica cultural feminista, estavam sendo tratadas nesse pacto por uma outra relação global.

Nesse sentido, partimos em busca dessas vozes femininas, de textos que também nos ajudassem a ouvir essas vozes, a refletir sobre como elas estavam sendo consideradas no contexto dos BRICS. E, nesse sentido, o texto de Marketa Jerabek e Verônica Deviá (2006) foi importante no momento da pesquisa, pois trazia um retrato panorâmico dos direitos das mulheres nesses países. Em termos gerais, o texto pontuava vários avanços no que diz respeito aos direitos femininos, considerando características específicas de cada país,

mas principalmente ressaltava como essa luta ainda precisava ser reforçada, tendo em vista que a desigualdade de gênero era uma constante nestes territórios, os índices de violência contra mulher seriam alarmantes em alguns, como, por exemplo, o Brasil.

Nesse sentido, mais uma vez se reforçava em nós a necessidade de ouvir mais mulheres, pela via da literatura, das narrativas diversas femininas, a fim de colher ali, em seus textos, o que denunciavam, o que demandavam, o que propunham. Como, ouvindo vozes-mulheres, suas narrativas, poderíamos contribuir com uma guinada geopolítica que se propunha com os BRICS? Como contribuir com o desenho de outro mundo possível, sem tanta exploração do outro, subalternização, exclusão? Com esse interesse despertado, partimos, em meio aos apagamentos de toda ordem, em busca de escritoras chinesas, de suas vozes, seus textos.

### **O processo de composição do arquivo: uma mostra de sua constituição**

O primeiro desafio, que se fez evidente, foi a língua, o desconhecimento da língua chinesa. Diante desse entrave, a proposta foi buscar livros já traduzidos para o português, o que, em geral, encontramos passando primeiro pela língua inglesa. Ou seja, os livros que encontramos primeiro foram traduzidos para o inglês e depois para a língua portuguesa ou, até mesmo, já publicados em inglês.

A busca foi feita em bibliotecas, livrarias, editoras, sebos e em diversos espaços na internet, prezando, como dissemos, pelo texto em língua portuguesa para compreensão nossa. Assim, dessa varredura, perpassando gêneros como o da ficção, o policial, o memorialístico e o autobiográfico, conseguimos ter acesso a alguns livros, que selecionamos alguns e vamos elencar abaixo, como uma mostra desse material.

Um livro a citar é o *A cinderela Chinesa*, da escritora Adeline Ye Man, que trata da estória de uma menina que vivia em condições semelhantes a da cinderela dos contos infantis que conhecemos no Ocidente. Outro livro que consta em nosso arquivo é *Meu nome é número 4*, da escritora Ying Zhang,

que retrata a vida de uma jovem mulher no período da Revolução Cultural na China. A protagonista, conhecida apenas como “Número 4”, representa o anonimato e a subjugação de mulheres, mas também sua resiliência.

Outra obra que traz à tona a representação da mulher na sociedade chinesa é o livro *O olho de Jade* da escritora Chinesa Diane Wei Liang. Nele ela conta a história de Mei Wang, uma detetive particular chinesa, bela, independente, bem-sucedida e com alguns luxos da China moderna, como ter seu próprio escritório, carro e um assistente do sexo masculino. A autora narra a saga da protagonista em busca de uma antiguidade chamada ‘O Olho de Jade’, cujo seu tio Chen pediu que investigasse. Ao longo da investigação, a trama dá voltas entre a China antiga e moderna, mencionando as mudanças políticas e o quanto isso afetou a vida da população chinesa. Nesse contexto, a mulher, como apresentada, é desenhada de forma independente, construindo outras possibilidades para o sujeito feminino. Nesta história a mulher está em destaque e o homem é que faz o papel de seu assistente. Assim, os lugares se invertem e uma ruptura se estabelece, provocando o imaginário, as linhas ficcionais e reais.

No livro *Cisne selvagem*, a autora Jung Chang ressalta que a cultura chinesa é uma cultura que foi muito cruel com as mulheres, de todas as formas imagináveis. Desde obrigá-las a quebrar os pés para torná-los pequenos, e, portanto, atraentes, até ser negado o direito de conhecer o próprio corpo e a sexualidade. Sem falar nos inúmeros estupros de meninas. *Cisne Selvagem* mostra grandes transformações históricas da China do século XX. Narra a história de 3 gerações de mulheres de uma família e com ela trata do abuso, da opressão, da violência contra a mulher.

Um outro livro que tivemos acesso, da jornalista Xie Xinran, foi *As filhas sem nome*, que narra a história do camponês Li Zhongguo, que era considerado uma “desgraça” pela população de Anhui por ser pai de seis meninas. No enredo, ele sentia tanta vergonha disso que nomeou as suas filhas na ordem numérica de cada nascimento. A obra mostra o lugar, muitas vezes marginal, das mulheres que vivem na zona rural em uma China tradicional. No entanto, a história contada pela autora, mostra a superação de três irmãs que conseguiram

enfrentar os obstáculos, superar as dificuldades do dia-a-dia e vencer todo um sistema de opressão cultural, social e econômica a que estavam subjugadas.

Outro livro mapeado que passou a integrar nosso arquivo foi o *Mensagem de uma Mãe chinesa Desconhecida*, também da jornalista Xie Xinran. Neste, a autora narra em 10 capítulos o sofrimento de várias mães que foram obrigadas a abandonar suas filhas devido aos velhos costumes e crenças de um país. Nessa tradição, percebemos, junto com a política do filho único, um desvalor ao sexo feminino e os resultados impactantes desse processo, como o alto índice de doações, abandonos e mortes de crianças meninas. Assim, cada capítulo expõe a história de uma mulher diferente e cada história traz as marcas de sofrimento e subserviência de mulheres chinesas, assim como as marcas de suas lutas. As histórias e relatos perfazem o gênero testemunhal ou confessional, pois o livro seria baseado em relatos de vidas de mulheres, coletados pela escritora.

Inclusive, a Xie Xinran foi a escritora, cujos livros mais tivemos acesso, que mais conseguimos material sobre sua obra, principalmente sobre o livro *As boas mulheres da China: vozes ocultas*, que destacamos aqui. Neste livro de Xinran, o acento sobre o desvalor concedido às mulheres continua e o seu processo de escuta e recolha de textos, de vozes de mulheres nos fez tecer uma breve comparação com o poema da escritora negra brasileira Conceição Evaristo, denominado *Vozes-mulheres*.

### **Vozes em diálogo: Xinran e Conceição Evaristo**

Como dissemos, o livro de Xie Xinran(2003), *As boas mulheres da China: vozes ocultas*, nos fez tecer um diálogo com o poema *Vozes-mulheres*, de Conceição Evaristo(2011). A escritora negra brasileira escreve sua poesia, intitulada *Vozes-mulheres*, retomando as falas silenciadas de sua bisavó, de sua avó e de sua mãe, no processo de escravização de corpos de mulheres negras, desde o período do sequestro de negros da África para o Brasil, com o objetivo de exploração da mão de obra destes sujeitos que foram animalizados-escravizados e isso ainda é perceptível nos dias atuais, apesar do tempo ter passado e das diferenças contextuais.

A escritora, como diz, recolhe estas vozes apagadas de mulheres nos seus “versos perplexos de sangue e fome”. Recolhe e repassa a sua filha essas vozes “ mudas caladas engasgadas nas gargantas”. E é essa filha, com a escuta dessas narrativas, dessa vozes-mulheres, que poderá pôr em balanço o ontem e o hoje, poderá refazer o agora, promovendo o ressoar do eco das vozes dessas mulheres, do que propunham essas vozes mulheres, “eco da vida-liberdade”. Transcreveremos abaixo o poema para que os versos sejam lidos-ouvidos:

VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó ecoou criança  
Nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
De uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
Ecoou obediência  
Aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
Ecoou baixinho revolta  
No fundo das cozinhas alheias  
Debaixo das trouxas  
Roupagens sujas dos brancos  
Pelo caminho empoeirado  
Rumo à favela.  
A minha voz ainda ecoa versos perplexos  
Com rimas de sangue  
E fome.  
A voz de minha filha  
Recorre todas as nossas vozes  
Recolhe em si  
As vozes mudas caladas  
Engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
Recolhe em si  
A fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
Se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2011, p.18).

Evaristo (2011) recolhe em seu poema várias vozes: de sua bisavó, nos porões dos navios que traficavam os negros, em condições sub-humanas, do continente Africano ao Brasil, de sua avó, subserviente aos brancos-donos de tudo, de sua mãe, nas favelas, nas cozinhas, nos afazeres prescritos para mulheres negras em um sistema de negação de direitos e de equidade, portanto de explorações diversas que conjugam os marcadores de gênero, de classe e de raça de forma interseccional. São vozes de mulheres silenciadas, que nas brechas, através dos versos da escritora, narram vidas oprimidas.

No caso do livro da jornalista Xie Xinran, *As boas mulheres da China: Vozes ocultas*, temos também, de forma expandida, uma série de narrativas de mulheres, que expressam subserviências, opressões diversas ao gênero feminino. O livro originou-se de um programa de rádio que a jornalista tinha, denominado *Palavras na brisa noturna*, através do qual recebia cartas de várias mulheres, denunciando maus tratos e pedindo ajuda. Xinran, assim como Evaristo, recolhe vozes de mulheres, inclusive a sua, e constrói sua narrativa. Nós, como filhas desse tempo presente, marcado por um passado patriarcal que ainda se repete, queremos fazer ressoar essas vozes, como um eco de vida-liberdade.

Xinran publicou seu livro em Londres. Evaristo, para publicar, para poder tornar-se escritora, teve que lutar com a ajuda da família pobre, da patroa de sua tia, para conseguir exercitar a leitura, teve que atravessar estereótipos que se fizeram perpetuar sobre a mulher negra brasileira, como nos diz Miriam Alves (2010) e a própria escritora Evaristo (*apud* Jailma Moreira, 2015) confirma, ao dizer, em testemunho, que todos esperavam que ela rebolesse, mas que jamais escrevesse.

Na escrita de Xinran, do livro em questão, temos 15 narrativas que contam o percurso da autora até essas mulheres, detalhando, em cada uma das narrativas, uma história, o contexto da Revolução cultural e o lugar de abjeto concedido à mulher por uma tradição. São histórias de mães, de filhas, de mulheres com seus amores diversos e seus sofrimentos. Histórias de homossexualismo, de abandonos, de infâncias perdidas, de separações, de casamentos arranjados, de subserviência imposta ao sujeito feminino, de falta de educação



sexual para mulheres, portanto de desconhecimento delas de seu próprio corpo, da sexualidade e, principalmente, de uso e abuso desse corpo feminino, por vezes ainda infantil, através de estupros, inclusive coletivos, diante de qualquer possibilidade, mesmo quando a mulher já se encontrava em perigo, por alguma intempérie natural, por exemplo. A política do filho único, a moral confucionista, o pensamento patriarcal, machista, estão na base de uma formação subjetiva, que relega à mulher a condição de não ter direitos, o seu não reconhecimento, o lugar inferior atribuído ao sujeito feminino.

O estupro coletivo, várias vezes relatado no livro, é uma marca que não queremos esquecer. Uma marca que nos acompanha, pois ainda hoje, no Brasil e no mundo, ainda nos deparamos com notícias como essas. As mulheres negras, como testemunhou Evaristo, foram, em geral, tomadas como corpo-objeto-sexual. Conceição Evaristo (2011), inclusive, em seu livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, constrói diversas narrativas baseadas no sofrimento de mulheres negras. São diversas violências que fazem a gente não esquecer as narrativas, ter dificuldade, muitas vezes, de continuar as ler.

São narrativas que sabemos que acontecem cotidianamente no Brasil, que muitas vezes vemos, ou não vemos, nos noticiários jornalísticos, e que engrossam as estatísticas de violência e morte de mulheres, pelo feminicídio, em nosso país. Sabemos que na China, o Partido Comunista, como nos relata a pesquisadora Bettina Martins (2022), em sua dissertação de mestrado, criou mecanismos importantes para combater uma violência patriarcal que incide sobre o sujeito feminino, promulgando, por exemplo, a lei que proibia o casamento arranjado para mulheres, instituindo uma luta pela emancipação feminina e pela garantia de direitos igualitários para estes sujeitos.

No Brasil, também muitas ações já foram realizadas, aparatos institucionais criados, como Conselhos, Ministérios, delegacias especializadas no atendimento a violências contra mulheres, bem como a Lei Maria da Penha, importante mecanismo legal para coibir essa violência e punir os agressores, e uma rede de proteção e cuidado com a vítima, além de mecanismos outros que buscam garantir direitos, por exemplo, ao reconhecimento do trabalho, com todas as garantias legais, às trabalhadoras domésticas, muitas delas negras.

Apesar de todo esse aparato ainda hoje convivemos estarecidos com crimes hediondos contra mulheres, com violência e feminicídios de toda ordem, contra mulheres negras, mas não somente, também brancas e de classes sociais mais altas. Um outro letramento, uma outra educação, de base, urge. A literatura construída por mulheres tem muito a contribuir nesse sentido, na medida em que reescreve narrativas de violência contra mulheres, coloca em cena outras perspectivas, expressa dores detalhadas, esmiuçadas, traz para a narrativa vozes engasgadas, silenciadas e reencena também outros lugares possíveis para estes sujeitos, outras condições de existência, que estariam, inclusive, garantindo sua dignidade, na base de qualquer desenvolvimento.

As mulheres negras brasileiras, com seus lugares marcados de raça, classe e gênero, sofrem ainda mais opressões, nessa intersecção excludente. Xinran, que no seu livro confessa que se houvesse outra vida, não queria nascer mulher, também revela em entrevista concedida no Brasil, no programa *Roda Viva*<sup>1</sup>, que há uma diferença gritante entre o campo e a cidade, entre, portanto, em geral, a vida das mulheres da zona urbana, de grandes cidades chinesas e de mulheres da zona rural.

No Brasil também temos uma realidade perversa para o sujeito feminino pobre e trabalhador do campo, o que resulta em diversos movimentos de mulheres rurais, inclusive indígenas, negras, quilombolas, ou seja, que já demarcam sua resistência desde a época da colonização brasileira, da época da escravização dos negros nas fazendas de café. É preciso ressaltar também as lutas diversas de mulheres chinesas, inclusive dentro do Partido Comunista chinês, no campo, lutando pela emancipação feminina, por direitos de mulheres, tensionando nestes espaços e, muitas vezes, pagando com a própria vida por ousar gritar em prol do sujeito feminino, de uma equidade na sua relação com os homens. A pesquisadora Christine Rufino Dabat (2017) destaca as chamadas “mulheres de ferro”, as revolucionárias feministas na China do século XX, suas lutas, e o quanto as conquistas de hoje se devem muito a estes movimentos de mulheres de antes.

---

<sup>1</sup> Cf. Entrevista realizada no Programa Roda Viva, da Tv Cultura, no Brasil, em 8/07/2009.

Com isso, no próprio feminismo, vamos tendo percepção de outros feminismos, que podem nos mostrar ciladas, limitações, repetições diversas de uma formação subjetiva, patriarcal, que queremos nos desvencilhar. Para Bettina Martins (2022), embora o interesse explícito do PCCh fosse a emancipação feminina, entretanto, mesmo as políticas socialistas do período de Mao Tse-tung não foram o suficiente para quebrar a herança cultural e moral confuciana.

Daí reforçarmos a importância de refletirmos mais com mulheres, estando nós atentos a urgência de ampliar a escuta, considerando outros sujeitos, vidas. Nessa luta por ouvir mais vozes de mulheres diversas, de combate à violência contra a mulher de todas as formas e por todos os lados, a quarta conferência mundial sobre a mulher, em Beijing, na China, é tomada como um marco, apontando para a necessidade de nos ouvirmos, de revisarmos nossas perspectivas, de revisarmos um passado, uma noção de desenvolvimento, de progresso, de economia, de luta política e civilizatória que ainda tem prescindido de ouvir mulheres. Necessidade, portanto, de recolher essas vozes, pesar os atos, suas falas, em prol de uma liberdade que não se desvincule de uma solidariedade, de uma vida digna realmente para todos. É nesse sentido que ouvir Xinran e Evaristo, suas vozes em diálogo, nos possibilita retomar nossos passos, nossas experiências, como propõe Conceição Evaristo, enquanto projeto coletivo de vida, de mulheres, negras, de uma sociedade, de um mundo.

### **Considerações finais: as veredas abertas por um arquivo de mulheres escritoras**

Diante do exposto, chegando ao fim desse texto, já podemos perceber quão significativo foi para a equipe de pesquisa romper certos desafios, horizontes e construir esse arquivo, que nos possibilitou esse diálogo inicial entre vozes de escritoras brasileiras e escritoras chinesas, entre a vida de mulheres do Brasil e da China, mais especificamente entre o livro *As boas mulheres da China: vozes ocultas*, de Xie Xinran e o poema *Vozes-mulheres*, da escritora Conceição Evaristo.

É preciso dizer que o arquivo continua em aberto. Depois desse primeiro passo, outras estradas vão se abrindo, outras autoras vão aparecendo em nossa pesquisa, como Eileen Chang, do século XX, Fang Fang, com escrita atual inclusive sobre a pandemia do Corona vírus, Gu Shi, assim como Yei Xuanji, poeta chinesa da dinastia Tang, bem como Bem Zhao, filósofa chinesa, com suas controvertidas lições para mulheres. Percebemos a importância de um primeiro passo para que outros possam ser dados. Notamos a relevância dos arquivos, principalmente no que diz respeito às mulheres, como reflete Moreira (2021), ao se deparar com o anarquivamento histórico de escritoras no Brasil, tematizado e enfrentado pela pesquisadora Constância Duarte (2011). Importância dos arquivos, como proposição de cidadania, promovendo aberturas, estudos, outras história e percepções, diria também o pesquisador Reinado Marques (2011).

Nesse movimento é importante não esquecermos mais outras lições que ressoam dessa dinâmica, desse breve diálogo estabelecido entre as vozes-mulheres de Conceição Evaristo e as vozes ocultas das mulheres da China, trazidas por Xinran. Sem dúvida fica a aprendizagem da retomada de um passado, de uma memória, como condição necessária para se reter o presente, para não se repetir, ainda hoje, o que não queremos. Nesse trabalho de revisão constante, de escrita e releitura do outro e de nós mesmos, nesse processo de reinvenção de um agora, de um novo mundo, é fundamental ouvir mais as mulheres, diversas, de todos os lugares, muitas vezes como uma narrativa de alerta, alarmante, mas como possibilidade de um eco de vida-liberdade, que pode nos ajudar a pesar nossos atos, a vermos se, de fato, ao lutarmos contra forças hegemônicas, contra formas de opressões globais, não estamos ainda a repetir, como cilada, opressões internas, que nos impedem de avançar em uma perspectiva mais comunitária, solidária.

A literatura de autoria feminina, nesses termos, ressoando vozes de mulheres, narrativas de suas vidas, nos convidam constantemente à reescriviência, acenando para importância do crivo linguístico-literário-cultural-feminista, como linha importante nesse desejo de reconstruímos, recontarmos nossas histórias, o mundo-narrativa.

## Referências

ALVES, Miriam. Literatura Negra. *In: BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea*. Belo horizonte: Nandyala, 2010.

CHANG, Jung. **Cisnes Selvagens**. Tradução de Mário Dias Correia. Título do original inglês: Wild Swans. São Paulo: Círculo de Leitores, 1991.

DABAT, Christine Rufino. Mulheres de ferro: revolucionárias feministas na China do século XX. **Revista História e luta de classes**. V. 24, 2017.

DEVIÃ, Verônica.; JERABEK, Marketa. **Desigualdade de gênero nos BRICS: Uma análise longitudinal**. São Paulo. 2016.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas. *In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.) Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. Vozes-mulheres. *In: Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) **O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JUNIOR, Hermes Moreira. Os BRICS e a recomposição da ordem global: estratégias de inserção internacional das potências emergentes. **Revista Conjuntura Austral** | Vol. 3, nº. 9-10 | 2012.

LIANG, Diane Wei. **O olho de Jade**. Tradução: Marcelo Mendes. São Paulo: Ed. Record, 2008.

MAH, Adeline Yen. **Cinderela chinesa: a história secreta de uma filha renegada**. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

MARTINS, Bettina Pinheiro. **A outra metade do céu: gênero e relações de poder na revolução cultural chinesa (1966-1976)**. 113 fl. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2022.

MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. *In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. (Orgs.) Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas públicas culturais. **Revista de estudos literários contemporâneos**. Rio de Janeiro: UFF, 2015.

MOREIRA, J. dos S. P. Arquivos culturais e a produção de mulheres: o fora como dispositivo. In: PEREIRA, Á. S.; CRUZ, M. F. B. PAES. (org.). **Letramentos, Identidades e Formação de educadores** pesquisa e formação: práxis pedagógica. Campinas: SP, Mercado de Letras, 2021.

YE, Ting-Xing. **Meu nome é número 4**. Tradução: Alexandre Martins São Paulo: Ed. Casa da Palavra, 2008.

XINRAN, Xie. **As boas mulheres da China**: vozes ocultas. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

XINRAN, Xie. **As Filhas Sem Nome**. Tradução: Caroline Chang. Título Original: Miss Chopsticks. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

XINRAN. **Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida**: histórias de perdas e amores. Tradução: Caroline Chang. Título original: Message from an Unknown Chinese Mothe. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.